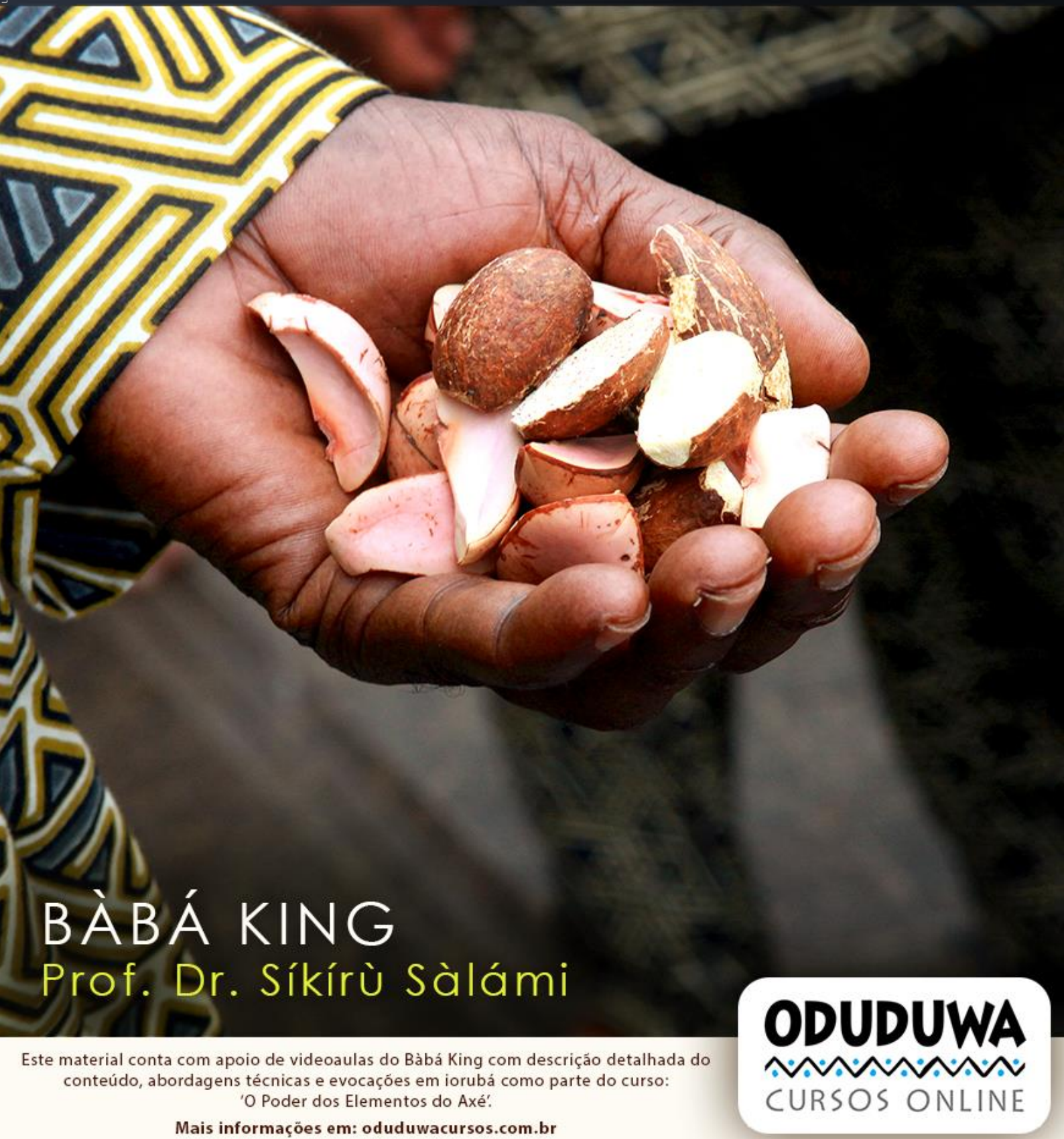
Licenciado para - Eduardo Abreu - 12853861 - Protegido por Eduzz.com

O Poder dos Elementos do

AXÉ



BÀBÁ KING
Prof. Dr. Síkírù Sàlámi

Este material conta com apoio de videoaulas do Bàbá King com descrição detalhada do conteúdo, abordagens técnicas e evocações em iorubá como parte do curso: 'O Poder dos Elementos do Axé'.

Mais informações em: oduduwacursos.com.br

ODUDUWA
CURSOS ONLINE

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Bàbá King

Prof. Dr. Síkírù Sàlámi

APOSTILA

O Poder dos Elementos do Axé

Tradição Iorubá Como Ensinada na África há Milhares de Anos

© 2020 Centro Cultural Oduduwa. Todos os direitos reservados.

Todos os textos, imagens, gráficos, animações, vídeos, músicas, sons e outros materiais deste curso são protegidos por direitos autorais e outros direitos de propriedade intelectual pertencentes ao Centro Cultural Oduduwa.

É expressamente proibido reproduzir, publicar, distribuir, difundir ou, por qualquer outra forma, tornar os conteúdos disponibilizados acessíveis a terceiros, para fins de comunicação pública ou de comercialização, nomeadamente, colocando-os disponíveis em websites, serviço on-line, fórum de discussão ou em cópias de papel, sem a prévia autorização dos autores, podendo, inclusive, resultar em penas civis e criminais.

O Centro Cultural Oduduwa reserva-se o direito de proceder judicialmente contra os autores de qualquer cópia, reprodução ou outra utilização não autorizada das informações disponibilizadas.

Este material conta com apoio de 27 videoaulas do Bàbá King com descrição detalhada do conteúdo, abordagens técnicas. termos e evocações em iorubá como suporte ao curso **O Poder dos Elementos do Axé**. Mais informações em: oduduwacursos.com.br

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Índice

Introdução	**5**
Aula 1 - A Busca do Axé	**6**
Aula 2 - Reinos Vegetal, Animal e Mineral	**7**
Aula 3 - Anatomia Espiritual	**8**
Aula 4 - Objetos, Terra e Espaço	**9**
Aula 5 - O Fogo e a Água	**10**
Aula 6 - Ar, O Incapturável	**11**
Aula 7 - O Poder da Mãe Terra	**12**
Aula 8 - A Sequência do Uso dos Elementos em Rituais	**13**
Aula 9 - Obi, Orobô e Temperos	**14**
Aula 10 - A Atração e Manutenção da Sorte	**15**
Aula 11 - Temperatura das Oferendas	**16**
Aula 12 - A Boca como Caminho do Axé	**17**
Aula 13 - Confirmação com Búzios, Obi e Orobô	**18**
Aula 14 - Reino Mineral 1	**19**
Aula 15 - Reino Mineral 2	**21**
Aula 16 - Reino Vegetal 1	**23**
Aula 17 - Reino Vegetal 2	**25**
Aula 18 - Princípios do Ebó	**27**
Aula 19 - Energias Envolvidas nos Ebós	**28**
Aula 20 - Egbé e Outras Divindades	**29**

Este material conta com apoio de 27 videoaulas do Bàbá King com descrição detalhada do conteúdo, abordagens técnicas. termos e evocações em iorubá como suporte ao curso **O Poder dos Elementos do Axé**. Mais informações em: oduduwacursos.com.br

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Aula 21 - Anatomia Espiritual no Ebó **30**

Aula 22 - O Tempo nos Rituais **31**

Aula 23 – Origem e Destino do Ebó **32**

Aula 24 - Reino Animal 1 **34**

Aula 25 - Reino Animal 2 **35**

Aula 26 - A Fidelização do Axé **37**

Aula 27 - A Eficácia do Ebó **38**

Encerramento **40**

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Introdução

Aláṣẹ ni mí
Kí e máa múre bọ̀ o

Eu sou filho do axé
Que tudo de bom nesta vida venha para mim

Neste curso inédito composto por 27 videoaulas com aproximadamente seis horas de duração, o sacerdote e pesquisador iorubá Síkírù Sàlámì (Bàbá King) tem por objetivo trazer ensinamentos sobre os princípios ativos dos elementos utilizados nos rituais de axé, necessários na devoção cotidiana e em ebós, boris, oferendas e iniciações, seguindo a mais pura tradição africana.

A água, o fogo, a terra, o ar, o dendê, a banha de ori, cada um dos elementos empregados nos rituais tem um significado e conhecê-los é fundamental para a melhor extração de seu axé e, consequentemente, a potencialização dos resultados buscados. Acredita-se que não se pode fazer o básico no culto aos orixás, como oferecer um obi e um orobô, sem o devido conhecimento. Nesta obra Bàbá King trata, ainda, da utilização correta dos elementos do axé, indicando sua sequência de uso, aborda os princípios de rituais e ensina técnicas para maximizar seus efeitos.

Professor Doutor pela Universidade de São Paulo (USP), Babá King, ou Professor King, é fundador do Centro Cultural Oduduwa, da Editora Oduduwa e do Oduduwa Templo dos Orixás, que tem unidades no Brasil, na África e na Europa. Babá King desenvolve pesquisa sobre os orixás há mais de trinta anos com o objetivo de resgatar e disseminar o mais puro conhecimento tradicional, muitas vezes perdido ou distorcido na diáspora.

Esses conhecimentos originais sobre os princípios dos elementos do axé serão aqui compartilhados pela primeira vez.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 1 - A BUSCA DO AXÉ

Os orixás são a natureza e a natureza é os orixás. Os devotos dos orixás são guardiões da natureza e portadores de axé, que vai além do âmbito religioso e inclui o bem-estar. O axé é a força propulsora da vitalidade, da qualidade de vida, do pensamento, das ações, das reações e das interações do ser humano com o próximo e com a Mãe Natureza.

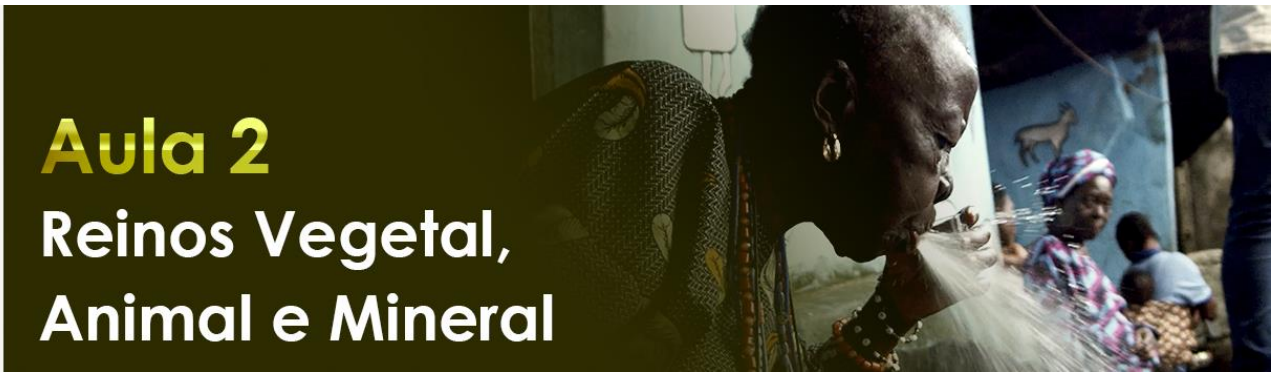
Os itens litúrgicos, ritualísticos e teológicos dos orixás são tão antigos quanto a humanidade ou mais, pois a origem dos orixás tem o mesmo tempo do início do universo e, segundo a mitologia, os orixás participaram de sua criação e tornaram o planeta habitável. O culto aos orixás é profundo e complexo, mas toda essa riqueza se fundamenta nas expressões da Mãe Natureza.

O uso que se faz de elementos da Mãe Natureza determinam o caminho para se alcançar o axé. Estudar a liturgia de modo aprofundado inclui estudar os significados dos elementos empregados nos rituais e quais são os modos mais adequados de fazê-lo.

Todos os elementos utilizados no culto aos orixás possuem axés (propriedades) específicos. Não é possível alcançar o axé sem entender os elementos utilizados no culto aos orixás e os modos de extrair os princípios vitais desses elementos. Ninguém consegue oferecer um obi para um orixá e alcançar o seu axé plenamente sem compreender o significado de um obi ou das suas caídas. É fundamental estudar o uso correto dos elementos do axé, seus princípios e seus significados.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 2 - REINOS VEGETAL, ANIMAL E MINERAL

A teologia dos orixás se fundamenta na natureza, base das nossas crenças, da nossa liturgia e da nossa devoção. As folhas são fundamentais para sacralizar os símbolos dos orixás, revitalizar o Ori, equilibrar o ambiente, transcender limites e muito mais. Ewê, o reino vegetal, inclui folhas, cascas, raízes, favas e sementes.

Todo devoto dos orixás tem algum animal como totem ou guardião espiritual. O reino animal completa a vitalidade humana e nos ajuda a ter uma vida melhor. Além dos animais, os vegetais e os minerais também são sacrificados e a própria carne que se come se sujeita a um processo sacrificial e a devoção aos orixás nem sempre envolve sacrifícios com a faca. O sacrifício designa qualquer forma de troca. Quem possui um trabalho noturno sacrifica o sono para produzir durante a noite, quem é mãe sacrifica nove meses de vida para gestar uma criança, quem bebe água pratica um sacrifício, quem poda uma árvore pratica outro e quem explora seu semelhante também pratica um sacrifício. Alguns aprisionam cães, gatos, pássaros ou peixes para suprir suas deficiências emocionais.

A relação que estabelecemos com os minérios nos leva ao caminho do axé. A água é uma das maiores fontes de axé, pois ela mata a sede dos seres humanos e dos animais, é usada para preparar alimentos e tornar a sociedade habitável. Sem água seria impossível existirmos. A água é o ouro mais valioso de nossa Mãe Oxum e, assim como o próprio ouro, o diamante, o ferro, o chumbo e tudo o que é extraído da terra, é um elemento portador de axé. Podemos empregar alguns desses elementos em nossa relação devocional com os orixás, mas não podemos esquecer o conhecimento por trás deles.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 3 - ANATOMIA ESPIRITUAL

A nossa devoção depende das informações de que dispomos. A liturgia da religião tradicional iorubá é sistemática e objetiva e segue uma sequência lógica. O que a água faz as folhas não fazem, o que o sangue faz a água não faz, o que o ouro representa o chumbo não representa e o que a capacidade humana faz nada mais pode fazer. O axé é transmitido por meio do conhecimento de sacerdotes e de outros notáveis.

Graças à sua mente o ser humano é o ser mais complexo e dinâmico criado por Eledunmare, o Ser Supremo, mas é também o que mais necessita de ajuda, e a ajuda dada a um ser humano depende do seu Ori, que pode facilitar ou dificultar as coisas.

Quando Eledunmare criou o planeta ele criou o ser humano e o axé do seu Ori. A complexidade deste axé levou os orixás a colocarem à disposição do conhecimento humano os elementos que podem ser usados para melhorar a sua qualidade de vida e para tornar o seu Ori mais funcional. A essência da filosofia e da teologia dos orixás é levar o homem a maximizar tudo de bom que ele tem em seu Ori. Atuar diretamente no Ori, pedindo coerência, bom senso, ponderação e discernimento. Mas para isto funcionar uma pessoa precisa compreender o que vê, ouve e fala. O que não se vê, não se ouve e não se fala não nos aborrece. As formas de pensar, sentir e conceber a vida são vitais.

Orí inú, a “cabeça interior”, sede do pensamento, da reflexão e do modo como se concebe a vida, determina tudo o que ocorre e convida à devoção ao Ori; quando se fala de axé deve-se falar da anatomia física, mental e espiritual do ser humano. As formas de pensar, sentir e conceber a vida são vitais. Quando se faz um bori ou uma oferenda para alguém se está trabalhando cada detalhe do corpo dessa pessoa, pois as expressões corporais contêm uma identidade espiritual, biológica, mental e emocional.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 4 - OBJETOS, TERRA E ESPAÇO

Alguns elementos do axé, como o dinheiro, às vezes passam despercebidos. Reconhecer, aplaudir e remunerar o que é bom e tão positivo que se usa dinheiro em ebós.

Os búzios são usados em ebós por simbolizarem o dinheiro sagrado, o ato de pagar o sacerdote pelo seu trabalho, e o sentimento de gratidão, mesmo que o bem-estar, o sorriso e a alegria não tenham preço.

A agulha transpassa ou transcende obstáculos e limites. É comum usar agulhas em ebós e oferendas para Egungun porque ela favorece a interação com os antepassados.

A faca corta o mal, interrompe as dificuldades e cria elos entre os seres humanos e as divindades. Quando nós a usamos em rituais nós evocamos Ogum. Algumas cantigas enfatizam o processo de sacrifício e a liberação do axé do *ejé* graça ao conhecimento civilizatório do Ogum, que trouxe a metalurgia para a civilização.

Alguns alimentos são colocados diretamente na terra. O *òlòngbò*, acaçá simples dissolvido na água temperado com mel ou com dendê, alimenta a terra, expressa gratidão pelo que ela nos oferece e favorece a aceitação e a transmissão do axé. O mel invoca a alegria, a felicidade e o bem-estar. O azeite de dendê, o “lubrificante espiritual”, é para eliminar as tensões e tornar os caminhos mais fáceis. O sal, por sua vez, preserva o axé conquistado nos rituais.

O ato de alimentar a terra inclui invocações a Onilê, guardiã do planeta, e Olodê, guardião do espaço e do ambiente. Isso permite que os rituais sejam aceitos e que o axé de suas oferendas transitem por ali.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 5 - O FOGO E A ÁGUA

O orixá *Iná* simboliza o fogo, a fogueira e a luz. Na mitologia, para Ogum poder realizar a sua missão na terra ele precisou descobrir o poder do fogo. Foi apenas depois disso que Ogum colocou a terra no fogo para fabricar o metal. O fogo transforma as coisas ruins em coisas boas e queima a enfermidade, a tristeza, o azar, o cansaço e as limitações.

Necessária para a sobrevivência, a água lava elementos sagrados, promove renovação energética, recupera a energia perdida, traz conforto, abre o canal de comunicação com as divindades, permite vencer inimigos visíveis e invisíveis e banha o iniciando para que este renasça sem precisar morrer fisicamente. Dizemos que o ser humano é igual à água porque os movimentos de ambos não têm barreiras e o fluxo do pensamento não pode ser detido. O banho de abô, o ebó, o bori, as iniciações e todos os rituais são feitos com água. A água nos limpa simbolicamente, nos torna celebráveis e dignifica o axé do nosso Ori; até o banho cotidiano ajuda a manter a vida, confere leveza e proporciona bem-estar e a absorção e a renovação contínua do axé. Quando a água se encontra com outros elementos da natureza, como as plantas maceradas, cozidas ou não, isto sacraliza os símbolos dos orixás, o corpo e o Ori. O banho sagrado também traz renovação e um novo estilo de vida. O acréscimo do axé do fogo ao banho gera um terceiro elemento, além das plantas e de minerais como a água, que potencializa o preparo.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 6 - AR, O INCAPTURÁVEL

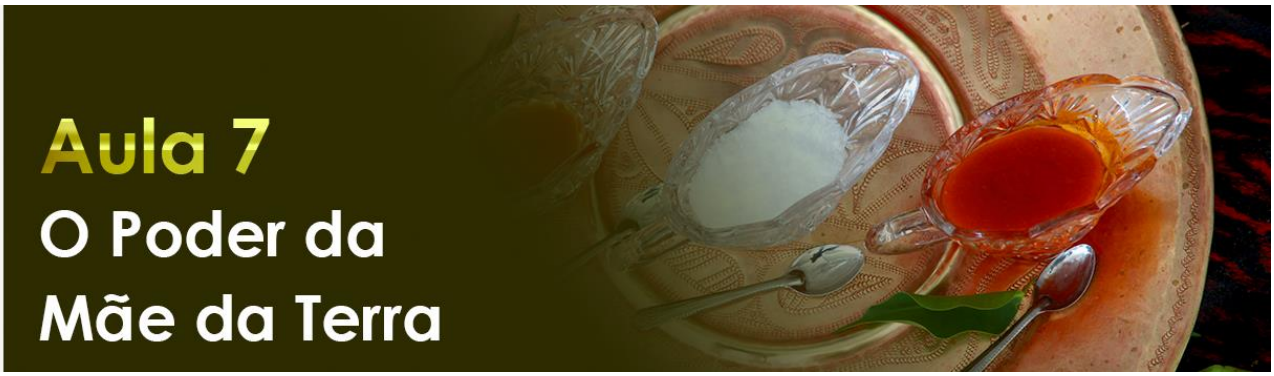
O ar tem fortes ligações litúrgicas e espirituais e pode dar uma explosão de axé aos elementos que estão sendo manipulados. O ar traz coragem e determinação e representa o indomável, pois ninguém é capaz de dar um nó nele ou apanhá-lo, mas leva à vitória e à superação das dificuldades e permite dominar inimigos internos e externos. O ar se apresenta na tempestade, símbolo de Oyá, divindade venerável que varre para reconstruir. O ar, o vento e a tempestade representam a reconstrução e a superação.

O ar maximiza o potencial do fogo, que aquece o metal e permite que este seja remodelado. Cada processo da liturgia iorubá tem um significado que beneficia a humanidade. A boca dos orixás é a boca dos homens. O que comemos depende do fogo que cozinha o alimento, do ferro usado em ferramentas agrícolas e da água que rega tudo o que é plantado. Esses elementos fazem parte da sobrevivência humana.

A liturgia do culto aos orixás é tão complexa e sistemática que nem todos conseguem compreender a sua riqueza espiritual. O ar insuflado no fogo aquece o metal, que pode ser remodelado conforme a necessidade. Assim, na forja tradicional, desde os tempos primordiais, o ofá de um filho de Oxóssi possui os elementos terra, ar, água e fogo. Graças ao ar temos o fogo, é da terra que extraímos o ferro e a combinação entre o fogo, o ar e a água torna possível darmos ao ferro a forma desejada. Esse processo é tradicional, mas mesmo as forjas mais modernas contam com todos esses elementos. Cada processo da liturgia iorubá tem um significado que beneficia a existência do ser humano e conta com alguns elementos necessários para tudo o que vivemos e fazemos.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 7 - O PODER DA MÃE TERRA

A expressão *Ilè Ayé* (Ilê Aiê) designa o planeta terra, que Eledunmare criou para os seres humanos e para todas as expressões da Mãe Natureza. A nossa liturgia faz uso dos quatro elementos da natureza: água, ar, fogo e terra. Ilê Aiê é o mundo visível e Orun é o mundo espiritual, além do conhecimento e do domínio humano.

O correto é alimentar a terra em qualquer ritual ao menos com os temperos (água, bebida destilada, dendê, sal e mel), pois a Mãe Terra é a garantia da sobrevivência humana e da existência de tudo o que é visível.

A água, o ar, o fogo, a terra e tudo o que existe são as fontes do nosso axé. É por isso que nós somos os guardiões da natureza, zelamos por ela e a cultuamos. Cultuá-la é oportuno em qualquer ocasião em que se faça necessário. Em atos litúrgicos é comum jogar água no solo, pedindo *àgò* (licença espiritual) para a Mãe Terra. Fazemos isso invocado os axés de Iyami Oxorongá e de Obaluaiê, seres intimamente ligados à Mãe Terra, à saúde da coletividade e ao bem-estar do ser humano. Quando jogamos água na terra durante os rituais pedimos mais saúde, um ambiente mais equilibrado e a boa transmissão do axé que buscamos.

Oferecer água é sempre a primeira opção, mas depois oferecemos oti, a bebida destilada, que facilita a expressão das rezas, dos objetivos, dos sonhos e de tudo aquilo que nós buscamos para as nossas vidas. Derrubado sobre a terra, o azeite de dendê equilibra, facilita e eliminar tensões e permite que o ser humano interaja com as divindades e também com os elementos da natureza.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 8 - A SEQUÊNCIA DO USO DOS ELEMENTOS EM RITUAIS

Os rituais do culto aos orixás seguem há milênios alguns processos que favorecem o acesso aos axés necessários para os seus devotos. Cada um desses processos tem uma ordem litúrgica tradicional. É importante sabermos o que queremos alcançar no ritual, o que estamos fazendo para isso e que tipo de axé desejamos. Quem prepara qualquer oferenda para os orixás precisa dispor de conhecimentos e de abordagens capazes de elevar o seu axé. Este acesso resulta da interação entre os axés do devoto dos orixás, dos elementos da natureza e dos próprios orixás. Os elementos simbólicos oferecidos durante os rituais interagem com as rezas, a devoção e outros fatores, obedecendo a uma sequência.

Ao conduzir um ritual deve-se saber, por exemplo, que o obi e o orobô são elementos de comunicação e que a água é uma oferenda neutra, aceita por todos os orixás.

Como a água cumpre a função de invocar as energias no ritual convém oferecê-la primeiro. Podemos jogar um pouco de água na terra, saudando a Mãe Terra, e mais um pouco dentro do assentamento do orixá que estamos cultuando ou da oferenda que entregaremos. Depois da água oferecemos oti, a bebida destilada. O gesto de colocar um gole na boca e assoprá-lo no assentamento objetiva ampliar a consciência do ofertante para que a sua mente o leve mais adiante, junto das soluções que ele está buscando.

O obi e o orobô são oferendas ritualísticas e elementos de comunicação entre o ofertante, o ritual e as divindades. Usados como canal de comunicação, permitem perguntar se há a necessidade de acrescentar algo ao ritual: mais rezas, mais pedidos, mais temperos, onde e quando despachar o trabalho, como dar sequência ao ritual e assim por diante.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 9 - OBI, OROBÔ E TEMPEROS

O obi e o orobô são ofertáveis aos deuses. O orobô traz resistência e durabilidade, que tornam a pessoa inquebrável contra energias negativas. O obi aplaca a ira, o azar, as confusões, as relações entre os seres, as derrotas, o insucesso e todas as energias que levam ao mal-estar, à derrota ou à desgraça. Ambos oferecem longevidade e a capacidade energética de dominar toda forma de desgraça e de má sorte.

O azeite de dendê desenferruja e torna uma situação estática, dura ou inflexível, em outra situação, mais flexível e móvel. Ele traz o axé de nos movermos na direção correta.

Nos rituais dedicados aos orixás funfun, como Obatalá, Ajê e Orixá Oke, emprega-se a banha de ori no lugar do azeite de dendê; a banha de ori neutraliza dificuldades e aflições e realça a serenidade, o equilíbrio, o bom senso, o discernimento e a harmonia interior.

Os orixás trabalham o Ori do ser humano, que é o bem mais valioso existente na terra. As nossas divindades são tão grandes que a sua extensão no planeta é imensurável, as suas virtudes são incalculáveis e o bem que a nossa devoção litúrgica pode trazer para nós é inestimável. Mas tudo isso tem uma barreira, que é o Ori do ser humano: é por esta razão que nós aprendemos sobre a importância da capacidade atrativa, do carisma, da doçura. O mel lapida a doçura, a capacidade de sedução e o carisma. Associados, o mel e o caldo de cana-de-açúcar, que podem ser acrescidos em um banho, lapidam a doçura e favorecem que um devoto dos orixás materialize toda a riqueza predestinada para ele. A doçura é cultivada pela postura e pelo comportamento, mas o mel favorece que o seu usuário rejeite comportamentos, expressões e pensamentos destrutivos, incluindo a agressividade e a amargura; o mel se sobrepõe à deficiência emocional, mental e espiritual para que a benevolência fique acima dos males que estão em seu interior. O caldo de cana-de-açúcar traz doçura, amabilidade, alegria, bem-estar e carisma.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 10 - A TRILHA A ATRAÇÃO E MANUTENÇÃO DA SORTE

A competência, o conhecimento e a disciplina podem ser desenvolvidos. A consulta oracular, o ebó, o bori, as iniciações, as oferendas, a devoção, a fé, as rezas e os cantos elevam a sorte. Mas é importante manter a sorte com fatores como o caráter, a postura, o comportamento e o temperamento. Ao cultuar os orixás pedimos a vinda e a permanência da sorte e o afastamento da desgraça e da má sorte.

Para alcançar e manter o axé usamos o sal em rituais, banhos e alimentos que oferecemos para os orixás, com exceção dos orixás funfun. O sal preserva o bem-estar e mantém o axé conquistado por alguém.

Quem faz uma oferenda com inhame assado, milho torrado e feijão torrado para Ogum pode colocar um pouco de cada um dos temperos em cada um desses alimentos. Quem faz uma oferenda ou um ebó para Ogum e o entrega em algum lugar da natureza pode precisar colocar quantidades maiores de temperos, mas o que determina a dosagem neste caso é a consulta ao orixá e/ou a outros seres envolvidos, mas só é possível aumentar as quantidades de tempero oferecidas quando os temos disponíveis.

Aqui cabe ressaltar que o sal é oferecido em no máximo um punhado; os quatro temperos que se usa em quantidades maiores são o azeite de dendê, a bebida destilada, o mel e a água, lembrando que tudo exige bom senso.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 11 - TEMPERATURA DAS OFERENDAS

Algumas questões envolvem o bom senso, enquanto outras são ritualísticas. Pode-se ofertar elementos crus de origem mineral, animal ou vegetal, mas há oferendas cozidas, nas quais se introduz deliberadamente o axé do fogo, que transmite uma certa temperatura à comida. Se fritarmos acarajé em óleo morno ele não cozerá e a massa vai se desfazer; o azeite de dendê precisa estar fervendo para se fritar o acarajé. A temperatura do óleo permite fritar acarajé, estourar pipoca ou preparar acaçá; existe um axé por trás disso.

Ao cozinhar para os orixás nós podemos fazer a magia do fogo. O fogo que está cozinhando o acaçá transmite o seu potencial a quem faz o ritual. Ao cozinhar para os orixás nós podemos fazer a magia do fogo por meio da quentura. Por exemplo, podemos cozinhar a sopa de feijão, *gbẹ̀giri*, junto com um *ẹdun àrá*, a pedra de Xangô. Quando a sopa estiver cozida o *ẹdun àrá* é retirado e, depois de morna, essa pedra pode ser lambida para conferir mais coragem e determinação ao ofertante.

A temperatura pode ativar a magia dos orixás, no caso conferindo mais vitalidade a quem aprecia esta sopa, mas quando se oferta um alimento diante do assentamento o recomendável é sempre colocar a comida já de morna para fria ou fria.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 12 - A BOCA COMO CAMINHO DO AXÉ

A liturgia dos orixás remete aos tempos primórdios, mas a nossa devoção é espontânea. Somos soltos, divertidos e alegres, e somos também a reprodução pura da natureza. Se tivéssemos consciência do poder da boca humana teríamos uma vida bem melhor. A boca reproduz as expressões da alma e da mente e as noções de certo e errado que transitam na essência dos seres humanos. Ela simboliza os caminhos do axé, seja de fora para dentro, seja de dentro para fora, e é sagrada, pois é usada para comer a comida dos orixás e para pedir as bênçãos deles. A boca que abençoa não pode praguejar, a boca que deseja coisas boas não pode desejar coisas ruins, a boca que quer construir não pode destruir e a boca que busca o axé não pode destruir o axé.

É desejável neutralizar as más palavras e sacralizar a boca antes dos rituais. Pode-se mastigar um, dois ou três grãos de atarê, a pimenta-da-costa, junto com um pouco de bebida destilada, para neutralizar impurezas. Mascar obi e orobô prepara a boca para o sagrado, pois colocamos estas sementes em assentamentos e no Ori das pessoas para abençoá-las.

É comum aspergir água e bebida destilada em assentamento ou símbolos de orixás e de ancestrais veneráveis para dizer aos nossos deuses que a boca com a qual nós nos dirigimos a eles é algo sagrado.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 13 - CONFIRMAÇÃO COM BÚZIOS, OBI E OROBÔ

Nos processos ritualísticos as caídas do obi, do orobô e dos quatro búzios confirmam os rituais. As duas extremidades do orobô são cortadas, e depois a semente é aberta ao meio para se jogar. Pode-se usar duas ou quatro metades de orobô, ou seja, uma ou duas sementes abertas. As quedas das sementes resultam em combinações que podem significar “sim” ou “não” em resposta às perguntas feitas no ritual. Duas metades de orobô abertas ou uma aberta e outra fechada significam “sim” e duas metades fechadas, “não”.

Quando consultamos com obi devemos usar o obi abata, que possui três, quatro ou cinco divisões naturais. Pela combinação matemática a queda de ao menos metade dos gomos abertos indica o “sim” e, logicamente, quando se usa um obi de três ou de cinco gomos o “sim” é determinado apenas pela maioria. Uma pergunta com o obi de três gomos exige uma queda de duas ou três partes para cima para a resposta ser “sim”. No caso do obi de quatro gomos a queda de dois, três ou quatro gomos para cima significa “sim”. Com o obi de cinco gomos pode-se eliminar um deles para que a consulta siga a lógica do obi de quatro gomos, mas se não se quiser fazer isto não há problema; neste caso três, quatro ou cinco partes para cima indicam a resposta afirmativa. Quando os quatro búzios caem com duas, três ou quatro partes abertas para cima significa “sim”. As suas partes abertas são aquelas côncavas, com aberturas naturais.

O objetivo das consultas é levar o ritual à precisão absoluta. As oferendas sempre são aceitas pelas divindades, mas pode-se perguntar se é preciso acrescentar algo que se tenha disponível ou para qual local levá-las para que sejam mais bem aceitas. É para isso que serve o jogo divinatório feito ao final de qualquer processo ritualístico.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 14 - REINO MINERAL 1

A água simboliza a pureza e a renovação, limpa dificuldades e energias negativas, extrai o axé contido em outros elementos e fortalece o Ori. A água do rio leva as dificuldades, o sofrimento e o mal para longe. A água da cachoeira lava conflitos, dor, sofrimento, dificuldades e o que está ruim no corpo, na mente, no emocional e no espiritual. A água da lagoa, artificial ou não, tira do estado estático e da alienação e confere atividade e dinamismo. A água do mar extrai o sofrimento do Ori e da vida, seja ele uma doença física, mental ou emocional, e a torna capaz de manter tudo de bom que existe na vida dela. A água salobra, do encontro entre o mar e o rio, faz com que o esforço do ser humano não seja em vão. A água apanhada na fonte ou na mina cura, aumenta a sorte e ajuda a pessoa a identificar as suas diretrizes. A água da chuva renova a vida, rompe com os fatores que amarram o bem-estar e a saúde, combate a falta de sorte, o mau humor, a amargura e a reclamação, alivia tensões e rigidez e promove flexibilidade, mas a pessoa não pode ter ewó de chuva para utilizá-la, mesmo em rituais.

É habitual colocar um balde no tempo à noite para apanhar as energias do período noturno junto com a água do sereno. Esta água ativa o Ori e cura qualquer tipo de enfermidade, inclusive as de ordem material e as relacionadas à sorte. Ela favorece a renovação das ideias, às vezes ultrapassadas, inadequadas ao que se vive.

Deixamos um balde com água no sol escaldante para que o axé do sol se projete nela e traga a visão do que se deve fazer, de que fatores limitam ou potencializam o progresso e de que sentido devemos seguir. Na lua cheia pode-se colocar o balde de água sob o clarão da noite: a água que a lua energiza equilibra o estado emocional e permite dominar sofrimentos e dificuldades, neutralizando emoções prejudiciais e auto sabotagem.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

A água *Omi arifọhun*, apanhada logo pela manhã, estando-se em jejum, sem escovar os dentes, sem brigar e sem conversar com ninguém tem como símbolo Obatalá, orixá da pureza e da harmonia, que traz equilíbrio para a existência humana. Deve ser pega no rio, de preferência por uma pessoa vestida de branco; se for um sacerdote ele pode ir até lá e voltar tocando ajá, ou adijá, sino usado para evocar Obatalá. O axé do orixá abençoa quem possui mente confusa, instabilidade emocional, depressão, sofrimento físico, mental, emocional e falta de sorte.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 15 - REINO MINERAL 2

A terra e a areia da terra fortalecem as relações do ofertante com o que existe no planeta, favorecem o convívio com as pessoas e combatem a depressão e as dificuldades de temperamento. A terra do alto da montanha atrai progresso, ascensão e crescimento contínuo, associado a segurança. As terras podem ser colocadas no fundo do banho, mas não precisa der jogada sobre a pessoa. Apenas sua presença na água já é o suficiente. A argila é usada para confeccionar símbolos de Obaluaiê e de Exu e imagens de partes de corpos ou de corpos inteiros que se deseja tratar. Potes ritualísticos feitos com argila podem ser quebrados ritualisticamente para quebrar toda a desgraça.

A pedra simboliza a resistência, a saúde e o fortalecimento; é usada como elemento de defesa por ser inquebrável, de modo que o mal não nos atinja. Todas as pedras usadas no culto sacralizam o corpo da pessoa para que esta seja mais forte do que a sua enfermidade. *Yangí*, a pedra de laterita que integra os símbolos de Exu, é usada em assentamentos do orixá e como meio de atrair proteção, defesa e o axé de comunicação, paciência, superação, competência e sorte, típicos deste orixá.

As pedras e os metais preciosos trabalham com a vaidade, o brilho do Ori, a sorte e o sucesso. Os metais podem ser colocados na água do banho para transmitir seu axé através da água e retirados do balde mesmo antes do início do banho. O ouro traz notoriedade, sorte e carisma, de modo que a pessoa mostre tudo o que ela tem de bom e seja vista em meio à multidão. O bronze, símbolo dourado de Oxum, atrai o mesmo axé que o ouro. Ambos esses metais trazem o brilho e o carisma de Oxum, nos deixando em evidência, desde que mantenhamos uma postura capaz de neutralizar a raiva, o ódio e os sentimentos destrutivos.

O chumbo atrai paz, uma mente flexível, tranquilidade e harmonia, o que é bom para pessoas extremamente agitadas, confusas e inseguras.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

O cobre, símbolo de Oyá e de outros orixás, atrai coragem e determinação para desempenharmos as ações que precisamos exercer em nosso cotidiano.

O ferro traz coragem, determinação, segurança emocional e saúde, combatendo o medo, a insegurança, a síndrome de pânico e as enfermidades emocionais.

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 16 - REINO VEGETAL 1

Há muitos elementos vegetais permitem alcançar o axé:

- O sabão da costa ajuda na limpeza espiritual, permitindo que a energia vital, emocional e mental se restabeleça.
- O coco maduro ou o seco confere resistência ao Ori, protege do mal, preserva a resistência, a vitalidade e o bem-estar e quebra as energias negativas.
- Atarê, a pimenta-da-costa, completa tudo o que se faz, de modo que nenhuma obrigação seja abandonada.
- Efun, o giz branco, é usado em assentamentos, banhos, ebós e pinturas para promover limpeza e renovação energética. Osun, o giz vermelho, protege contra todo tipo de mal. Ambos sacralizam o espírito e a mente por meio do corpo.
- Waji, a pintura azul, é utilizada para que a morte e a desgraça não reconheçam a pessoa que está muito enferma e não a levem embora.
- A palha da costa simboliza o cuidado espiritual que se tem com o corpo. Ao facilitar a distribuição do potencial do sabão-da-costa e do axé da água pelo corpo ela promove a limpeza e a cura das energias negativas.
- O pó yerosun é utilizado para limpezas e curas, atrair sorte e restabelecer o equilíbrio no destino da pessoa.
- A cana-de-açúcar traz alegria e felicidade. Seu caldo domina o mau humor e seu as deficiências emocionais.

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Algumas frutas são de extrema importância:

- A laranja atrai sorte e torna os caminhos favoráveis.
- A banana torna tudo mais suave e traz leveza para a saúde e sorte.
- A banana da terra permite vencer tudo o que desafia as capacidades individuais, evitando qualquer desafio ou derrota.
- A banana ouro e a banana prata tornam a vida mais fácil e menos tensa.

Os grãos também são utilizados em ebós e oferendas. O milho, a canjica e o feijão preto, branco, marrom ou fradinho atraem prosperidade e multiplicação. A canjica atrai paz, tranquilidade e harmonia. Pode-se acrescentar a água leitosa do cozimento da canjica ao banho de ervas para atrair paz física, harmonia e sorte.

A pipoca branca, estourada sem óleo ou no óleo vegetal de soja, simboliza a harmonia, a paz e a saúde, e a pipoca amarela, estourada no azeite de dendê, representa a enfermidade. Oferecidas para Obaluaiê em conjunto para que haja equilíbrio, as duas pipocas limpam seus devotos e levam o sofrimento e o mal embora.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 17 - REINO VEGETAL 2

Elementos vegetais permitem fazer bebidas destiladas incolores, como o gim e a pinga, que representam a capacidade de transcender e têm o axé para que o corpo e a mente possam ir além dos limites concebíveis. A bebida *ẹmu*, o vinho de palma, é oferecido para Ogum e *ṣẹ̀kẹ̀tẹ́*, o vinho do milho, é oferecido para a Oxum.

A folha de batata doce traz alegria, felicidade e bem-estar; o inhame atrai o progresso e a renovação dos processos cíclicos que agregarão a nossas vidas algo bom. O cará, que dá a folha de taioba, em formato de coração, é ofertável para Xangô e para outros orixás e pode ser cozido ou usado em banhos.

Do reino vegetal se extrai o chamado sangue verde, que é o sumo das plantas. Folhas, cascas, raízes e sementes são aproveitáveis. Todos os elementos vegetais são de extrema importância, cada um com a sua função. As raízes dão sustentação à vida; as cascas oferecem resistência; as sementes promovem limpezas e estabelecem o bem; e as folhas oferecem sacralização, limpeza, transmissão e manutenção do axé.

Todas as folhas são importantes, mas algumas devem ser citadas. *Abamọda*, a folha da costa, é transformadora e materializa desejos. *Ojúoró*, a vitória-régia, atrai superação e vitória. *Òṣíbàtà*, lotus, ajuda a vencer os inimigos; pode ser usado em conjunto com *ojúoró* para promover a superação das pragas, do azar e dos ataques dos inimigos. O *tètẹ̀*, caruru, confere resistência a ataques, dos quais protege, e fortalece o bem-estar, a individualização e a prosperidade, mantendo seu usuário firme, forte e bem defendido onde está. O *pèrègún* (peregun, dracena), símbolo da regeneração da vida, é muito bom para tratar o abiku. *Ọgẹ̀dẹ̀*, o pé de bananeira, ajuda a quebrar o pacto com a energia dos abiku, da falha, do insucesso, da derrota e da dificuldade, permitindo que regeneremos as nossas forças.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Algumas favas também são de extrema importância. *Arídán*, promove a neutralização do mal, para que o bem possa se estabelecer nas nossas vidas, ajuda a combater a má sorte. A pimenta-de-macaco ajuda em relação ao processo de conseguir se mover, sair do problema em direção à solução, a neutralizar as dificuldades e conseguir fazer com que as coisas de fato aconteçam nas nossas vidas. Auxilia, ainda, na cura da teimosia, porque, muitas vezes, de uma forma pacífica, convincente, teimamos para que o mal possa acontecer nas nossas vidas, obviamente de uma forma inocente.

Aberê, a semente da Oxum, faz com que as pessoas falem favoravelmente de nós. Esta semente realça as ações, o esforço, a devoção e a dedicação de seu usuário, atraindo a sorte e o reconhecimento a que faz jus.

Dois símbolos de Ifá são importantes. A fava opelé atrai discernimento, bom senso e coerência, que levam à sabedoria. O ikin, semente de dendezeiro usada no assentamento de Ifá e em rituais de Orunmilá, tem objetivos curativos, preventivos e atrativos.

A semente *ṣẹ̀sàn* atrai energias favoráveis, de modo que as coisas fiquem adequadas, equilibradas e funcionais.

O recurso de defumação purifica e limpa o ambiente, criando uma fumaça curativa, quando se usam as raízes, as sementes e as resinas de determinadas árvores.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 18 - PRINCÍPIOS DO EBÓ

O ebó é um processo litúrgico no qual usamos conhecimentos milenares sobre elementos naturais de origem animal, mineral e vegetal para promover a limpeza e a superação de problemas, doenças e dificuldades para melhorar a vida do ser humano. Qualquer consulta oracular resulta na prescrição de um ebó.

O ebó curativo restaura a saúde e protege contra o azar, a má sorte, a falta de bem-estar e de qualquer situação que leve ao desconforto, ao sofrimento e à ausência de algo bom e confere vitalidade, saúde, bem-estar e prosperidade material, emocional, mental e espiritual.

O ebó atrativo abre os caminhos quando alguém trabalha demais e não tem dinheiro na mão, quando o seu trabalho não é reconhecido ou quando não é remunerado à altura do seu esforço. Ele aumenta a sorte e potencializa o axé do Ori de alguém, que fica mais vigoroso e capaz de atrair tudo de bom e resolve qualquer dificuldade que impediria essa pessoa de alcançar a prosperidade e o progresso.

O ebó preventivo protege para que nada de ruim ou negativo aconteça, em especial quando há perdas recorrentes.

Pode-se fazer, ainda, o ebó da gratidão para agradecer por tudo de bom que se possui. A gratidão pelo bem-estar, pelo trabalho, pela saúde e por tudo de bom que se tem blinda o ofertante energética e espiritualmente para que ele continue tendo uma situação boa e organizada.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 19 - ENERGIAS ENVOLVIDAS NOS EBÓS

O ‘transporte’ do ebó é feito pelos ajoguns, que estabelecem a comunicação entre os mundos visível, Aiê, e invisível, Orun. Estão diretamente envolvidos no ebó e devem ser invocados sempre, Exu, Iyami Oxorongá, e as forças guardiãs de tudo o que ocorre no universo. Exu transporta as mensagens do ofertante para as divindades e, depois, transporta o axé das divindades para o ofertante. Sendo guardião de todos os espaços, Exu ocupa uma posição relevante no ritual: ele oferece a licença espiritual para que cada ebó seja colocado no seu devido lugar. A atuação das Iyami Oxorongá no ebó é fundamental. Dirigir o ebó para elas equivale a levar o consulente às origens das suas dificuldades.

Para transcender a realidade física nós invocamos Exu, Iyami Oxorongá e também duas corporações muito influentes no cotidiano humano: Egbé, que veremos em seguida, e Egungun. Evocar Egungun no ebó evoca os antepassados do ofertante e as suas origens, raízes de muitas das suas dificuldades. Cuidar da origem de uma dificuldade é um meio de cura e cabe invocar Egungun para limpar tudo aquilo que não nos serve. Egungun ajuda a manipular o ebó e nos liberta de tudo aquilo que nós herdamos, mas que não é conveniente ou necessário para nós.

O sacerdote é simplesmente um intermediário entre o ofertante e as forças que manipulam o ebó. A intervenção do sacerdote se resume a duas questões: a sua força espiritual e o conhecimento técnico sobre os elementos que ele vai usar. Depois que o sacerdote dirige o ebó às divindades estas liberam o axé, que é retransmitido ao ofertante por meio do sacerdote.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 20 - EGBÉ E OUTRAS DIVINDADES

Tratar de Egbé exige que se aborde um dos temas mais polêmicos da teologia dos orixás: o abiku. A morte prematura é trágica e socialmente inaceitável. A morte de um abiku pode ser recorrente em uma família ou comunidade, o que exige ritos específicos para evitar que tais ocorrências venham a se repetir.

A devoção a Egbé e o ebó equilibram a relação do ofertante com os abiku e com Egbé Orun, a sociedade à qual pertence no mundo espiritual. Invocar Egbé durante o ritual de ebó significa agradá-lo e pedir a liberação do ofertante na terra para que o seu duplo no além o deixe viver com o talento, a sorte, a habilidade, a competência, a genialidade e tudo de bom que possui.

Entre os seres que manipulam o ebó está também Orô, corporação ancestral. Existe uma infinidade de orixás. Conta-se ora que existem 201 divindades, ora que existem 401 divindades, ora que existem centenas e centenas de divindades.

Algumas fontes chegam a falar em 2.000 divindades, e cada uma delas oferece o seu axé ao ser invocada. Exu pode encaminhar o ebó para todos estes seres e Orunmilá-Ifá indica para qual ou para quais destes seres nós faremos o ebó.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 21 -

ANATOMIA ESPIRITUAL NO EBÓ

Rituais de ebó e oferendas permitem cuidar de alguém de modo presencial ou remoto: esta pessoa pode ser representada por alguém como o pai, a mãe, o tio, o irmão ou o amigo. A iniciação e o bori exigem a presença do ofertante. Quer o ofertante esteja fisicamente presente, quer não esteja, o sacerdote deve ter sua figura em mente para identificá-lo junto ao sagrado, solicitando que o axé o encontre aonde quer que ele esteja.

A cabeça representa o Ori e a predestinação. Toca-se a cabeça com os elementos do ebó para extrair desse Ori as energias negativas que atrapalham a sua vida ou para colocar nele o axé necessário para que a pessoa possa ter bastante força. Invocam-se também outras partes do corpo. Os olhos, permitem que se tenha um olhar de compreensão, sábio e eficaz em relação às suas dificuldades e aos potenciais que se tem. Os ouvidos simbolizam o modo de ouvir as coisas e a capacidade de ouvir pode ser melhorada no ebó, pedindo-se que Ori ouça bem as informações para que a pessoa não as distorça e se perca na vida. Pede-se ainda que a boca do ofertante não irrite os outros, que a sua fala seja limpa.

É comum tocar o peito do ofertante com o ebó, com o objetivo de fazê-lo aceitar as coisas boas que virão para a sua vida. Tocar o ebó no umbigo invoca a paciência, a serenidade, o autocontrole, o equilíbrio mental e emocional e o discernimento.

O ebó é encostado nas costas para que a inteligência espiritual do ofertante transmita para ele a autoconfiança e a esperança de que coisas melhores chegarão e permanecerão em sua vida sem que ele vire as costas para elas.

O dedão do pé esquerdo é uma ligação com a ancestralidade. Toca-se no dedão para combater os aspectos da nossa herança genético-espiritual que nos levam à auto sabotagem e ao azar. As juntas representam a configuração total do corpo humano e, por esse motivo, também são tocadas em rituais.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 22 - O TEMPO NOS RITUAIS

Em todos os rituais do culto aos orixás o tempo e o espaço são fundamentais. Olojó é o Senhor do Dia, divindade responsável pelo tempo. O tempo influencia o axé e a riqueza do ebó. É bom confirmar com os orixás o dia e o horário em que o Ori do ofertante deseja receber o ebó, quando isso é possível.

O período da manhã favorece que o ofertante ganhe velocidade, recupere, na medida do possível, o tempo perdido, se sincronize com seu próprio tempo e ganhe mais vitalidade e resistência. A tarde oferece a cura de enfermidades físicas, mentais e emocionais e sofrimentos, a resistência e a vitalidade. A noite evita desequilíbrios na trajetória existencial e mantém a predestinação em harmonia. A madrugada aproveita a energia vital das Mães e promove cura, revitalização dos órgãos vitais, recuperação da resistência, saúde e vitalidade física, mental, emocional e espiritual.

O tempo é de extrema importância e contribui para a eficácia dos rituais. O sol torna a mente funcional, transcende a preguiça, o azar e a resistência a limitações, quebra barreiras e torna o Ori mais notável e mais notado. A lua faz o ser humano brilhar e amplia a visão que tem da sua própria essência. A estrela o faz brilhar e lhe permite enxergar graça em si mesmo e nos demais.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 23 -ORIGEM E DESTINO DO EBÓ

A origem de um ebó é o problema de uma pessoa e o seu destino é o ponto onde ele é entregue. Dali Exu, Iyami, os ajoguns e as demais forças sobrenaturais transportarão o ebó até o Orun, trazendo de lá o axé para abençoar o ofertante.

Ao despachar o ebó nós invocamos os quatro pontos cardinais – norte, sul, leste e oeste – para garantir que qualquer direção para a qual caminhemos nos leve a um destino sagrado. Isso favorecer o transporte do ebó até as mãos das divindades. A encruzilhada é um dos pontos de oferta do ebó, pois Exu, Iyami Oxorongá e os ajogun têm morada ali.

Toda casa de axé deveria ter um assentamento de Exu, que restaura a energia vital e deixa o ambiente leve. Quem é de Ifá também poderia ter um assentamento de *Osú*, mas o conhecimento sobre Exu é o mais socializado no Brasil entre o povo de orixá. Ao fazer um ebó o sacerdote deve pedir o axé de Exu, solicitando que faça de suas nossas mãos a extensão das bênçãos de todos os orixás e do seu corpo a extensão do axé curativo, atrativo e preventivo de todos os orixás. O ebó pode ser entregue diante do assentamento de Exu, mas o local pode ser confirmado no fim do ritual, com a consulta com obi e orobô.

Pode-se colocar ebós em diversos espaços. O ebó disposto nos pés das árvores tira o sufoco da vida. O colocado na bananeira, no bambuzal e no peregun quebra o pacto abiku e equilibra a relação do ofertante com a sua sociedade no Aiê. O entregue no rio permite que as desgraças sejam levadas embora. O entregue em alto mar alcança os pensamentos mais profundos, que permitem superar as dificuldades. Ruas e estradas convidam os ajoguns a se alimentarem do ebó, promovendo uma faxina espiritual e retirando a doença, o sofrimento, a lágrima, a desgraça e o azar da vida do ofertante.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Pode-se, ainda, levar o ofertante do ebó ao rio para ele se lavar quando não se pode levar o ebó para o rio ou quando não se quer poluir o rio. Essa lógica também vale em relação ao mar e à floresta, nos quais o ofertante se banha para que o seu esforço não seja em vão e para a doença e a dor irem embora, de modo que ele se livre de todos os seus sofrimentos.

Os orixás são a natureza. Todos eles podem receber um ebó. O ebó é um ato propiciatório que atrai cura, sorte, equilíbrio, vitória, proteção, defesa, vigor físico, emocional e mental e tudo de bom. Pode ser oferecido como um banquete diante do assentamento de divindades por diferentes motivos: Ogum atrai abertura de caminhos e sorte no trabalho, Ajê faz com que o trabalho e o esforço sejam reconhecidos, Oxóssi traz precisão, competência, habilidade e assertividade e Oxum traz amor e equilíbrio amoroso.

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 24 - REINO ANIMAL 1

Somos extremamente abençoados por abordar a teologia milenar dos orixás, que são expressões da Mãe Natureza e existem desde os tempos primórdios. Desconhecemos a história completa do sol, da lua, das estrelas e do planeta terra, mas a idade do universo é a idade de algumas das divindades da religião tradicional iorubá. Falar dos elementos da natureza deve nos orgulhar por sermos filhos dos orixás. Na cosmogonia iorubá Exu, Obatalá e outros orixás participaram das criações da terra, da natureza e da humanidade. Cabe perfeitamente defendermos as nossas expressões teológicas, incluindo as oferendas de origem mineral, vegetal e animal.

Os seres humanos são explorados, sacrificados e destruídos pelas ambições uns dos outros. Quem cultua Ajê não explora os demais, paga pelo serviço prestado e respeita o esforço alheio. Na perspectiva da teologia dos orixás para que o ser humano sobreviva ele precisa beber água e consumir alimentos de origem animal e vegetal.

No ritual de ebó usam-se plantas para limpar as pessoas. Ao colher toda planta pede-se agô, licença, e devoto dos orixás nenhum manipula uma planta sem antes solicitar a permissão de Ossaim, guardião de todas as vidas vegetais da terra.

Minerais, vegetais e animais absorvem as enfermidades, o sofrimento e tudo o que existe de mau, pois sem vida não há vida. O ser humano é racional e intelectualiza tudo; isto o bloqueia, pois ele só sabe o que fazer a partir do seu próprio conhecimento. Mas para promover uma limpeza o ebó precisa ser feito com animais, que têm semelhanças energéticas com os seres humanos, mas utilizam as suas energias de uma forma muito mais eficaz, sem os bloqueios emocionais, dificuldades e a competitividade que os seres humanos têm entre si. Nenhum animal sofre a mesma carência afetiva que o ser humano e por esse motivo são capazes de se manter o seu estado mais equilibrado do que o nosso.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 25 - REINO ANIMAL 2

O peixe ajuda o Ori a identificar as suas direções e o objetivo pelo qual ele foi concebido na terra. Traz o axé para que a pessoa caminhe e chegue aos seus propósitos, superando os obstáculos que ela mesma pode criar ou que o mundo pode criar para ela.

O igbin atrai equilíbrio, sensatez, harmonia e paz; é um calmante natural e espiritual.

As aves promovem limpeza e cura, além de atrair coisas boas e estabelecer comunicações com os orixás. O pombo nos torna fiéis ao nosso Ori e nos faz descobrir quem somos e o que viemos fazer na terra, pois a pior infidelidade é não termos esse conhecimento e assim, nos trairmos, provocarmos sofrimentos para nós mesmos. O pombo eleva a capacidade de locomoção e atenua o sofrimento físico, mental e emocional.

O galo e o frango são ofertados às energias masculinas e a galinha é ofertada às energias femininas; ambos extraem o sofrimento, as desgraças, os problemas e as dificuldades das vidas dos ofertantes. A galinha d'angola harmoniza e traz equilíbrio, sendo recomendável comer a sua carne e usá-la em boris, limpezas com ebós e oferendas.

O pato traz longevidade, durabilidade e resistência para a saúde, levanta a energia vital de quem está desprovido de axé ou de vitalidade e combate inimigos e perseguição.

Animais maiores, como o cabrito, a cabra e o carneiro absorvem o que está ruim e o substituem por cura, vigor e superação dos sofrimentos e das dificuldades. O carneiro é utilizado em ebós para Obaluaiê e Iyami Oxorongá com o objetivo de destruir a morte, a doença e todo tipo de sofrimento físico.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

O porco é curativo. O consumo de sua carne – não os embutidos – é recomendada para aqueles que enfrentam vidas árduas, tensas ou sem progresso expressivo. Consumida a cada quinze dias traz o axé da harmonização e da superação das dificuldades, aumenta a sorte e promove multiplicação, fertilidade e fecundidade.

Os animais podem ser compartilhados em confraternizações com os seres humanos e com as divindades, se não tiverem sido usados para limpar doenças e desgraças em rituais de ebó. Como os orixás trazem bastante riqueza, em festas usam-se vários tipos de carne, incluindo a de vaca ou boi, pois algumas casas de axé chegam a reunir de quinhentas a duas mil pessoas, que acabam consumindo elementos de origem mineral, animal e vegetal.

Os ovos são utilizados em diversos processos litúrgicos. Em número de sete para as mulheres e nove para os homens, os ovos extraem todas as energias que atrapalham a vida do ofertante. Há vários tipos de banquete para Iyami Oxorongá e para Oxum feitos com ovos, sempre com os objetivos de curar e de aumentar a fertilidade, o progresso, a prosperidade, a saúde e tudo de bom.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 26 - A FIDELIZAÇÃO DO AXÉ

Para fazer o ebó dependemos de elementos minerais, vegetais e animais, além da presença do ofertante ou de algum representante dele. A roupa que o ofertante veste durante o ritual pode ser sacrificada, isto é, ao tomar banho ele retira essa roupa e a coloca junto com o ebó. O gesto de despachar a roupa com o ebó simboliza o final de um ciclo sofrível, difícil, de perdas, doenças e tudo de mal. Mesmo que a pessoa não possa estar presente o seu representante pode levar uma peça de roupa dela para ser despachada.

Os símbolos materiais do axé incluem elementos minerais, vegetais e animais usados em oferendas e ebós. Alguns dos símbolos imateriais se relacionam à postura humana, especialmente em se tratando do sacerdote que manipula os elementos materiais do axé, pois quem quer curar não pode destruir. Para alguém se fidelizar ao seu axé curativo é necessário que não trabalhe com o axé da destruição.

A vantagem de fazermos o bem é que as próprias divindades se encarregam de nos defender contra a maldade que as pessoas lançam sobre nós. Para a teologia dos orixás não há necessidade de nós atacarmos absolutamente ninguém, pois como cada um engole o veneno que está dentro da sua própria boca, as nossas próprias maldades serão as nossas maiores punições. Ebós e oferendas nos permitem aproveitar melhor o nosso axé e os axés específicos que os orixás nos trazem. Um dos pré-requisitos fundamentais para isto é nos especializarmos em fazer o bem. Quanto mais nós usamos o nosso axé para o bem mais ele aumenta.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com



AULA 27 - A EFICÁCIA DO EBÓ

É comum ouvir pessoas indagando sobre a eficácia de ebó. Todo ebó é infalível. Mas a seriedade do sacerdote conta muito para os resultados e a seriedade do consulente que vai receber o ritual conta muito também. Faz-se ebó de Ogum para abrir os caminhos de uma pessoa, mas se esta pessoa não tem disciplina no trabalho, não é esforçada e não assume as rédeas da sua vida e dos seus caminhos não há milagre.

Nenhum ebó substitui as funções humanas e a crença de que qualquer ritual vai resolver tudo por si limita a sua eficácia. É necessário que o ofertante ofereça também o seu movimento, a sua responsabilidade, a sua contribuição para que o ebó possa produzir o seu efeito pleno.

Antes de conduzir um ritual o sacerdote deve observar que ninguém oferece aquilo que não tem. Antes de fazer ebó ele deve cuidar de si e curar as suas dificuldades. O equilíbrio mental e emocional, a sensatez e as responsabilidades do sacerdote em relação ao ritual que fará são importantes. Ele deve estar imunizado, ter os seus assentamentos, incluindo o de Exu, e ser cuidado por seu próprio orientador. Quem oferece precisa receber, quem não se cuida não pode cuidar de ninguém, quem não resolve as suas próprias dificuldades não tem legitimidade espiritual para resolver as de ninguém. A teologia iorubá considera que temos olhos para enxergar as nucas dos outros, mas são os outros que têm olhos para enxergar as nossas nucas. Fala-se que, por mais afiada que seja uma faca, ela é incapaz de cortar o próprio cabo. Dispomos de conhecimentos que não usaremos para nós. Embora todos possam fazer uma oferenda, uma reza, uma louvação, é impossível fazer um ebó, um bori ou uma iniciação para si, por mais sábio que se seja. Por mais poderoso que seja um sacerdote ele não pode ser autossuficiente a ponto de dispensar a necessidade de se cuidar e de ser cuidado.

©ODUDUWA

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

O sacerdote que prepara o ebó deve se blindar para não virar uma esponja e para não trazer as coisas ruins das vidas dos outros para sua própria vida. Em paralelo, quando faz oferendas para os orixás, a primeira bênção que pede tem que ser para si mesmo. Se não se abastece desse axé o sacerdote não tem como retransmiti-lo aos demais.

Alguém que está sofrendo não pode acalmar o sofrimento dos outros, uma pessoa perdida não tem como fazer outra pessoa perdida se achar. O axé deve vir primeiro ao sacerdote, porque ele vai transitar aos demais por meio do sacerdote. Em todos os rituais que o sacerdote faz ele é pago três vezes. Ele é pago pelo consulente com dinheiro, ele é pago pela benção dos orixás e ele recebe a gratidão do Ori do consulente.

Em todo ato litúrgico dedicado aos orixás, seja ele um ebó, uma oferenda, uma iniciação ou qualquer outro, o que se deve pedir em primeiro lugar é sempre a saúde. A saúde é o alicerce do amor, do dinheiro, do trabalho, da família, dos sonhos, das ambições, da vida e do bem que o ser humano almeja para si. Assim, antes de tudo pede-se sempre *àláfíà*, evocando a saúde e o bem-estar infinito que o ser humano pode necessitar, idealizar, sonhar e desejar em busca para sua vida.

Licenciado para - Eduardo Abreu - 15212855861 - Protegido por Eduzz.com

Encerramento

Muitíssimo obrigado, muitíssimo obrigado, muitíssimo obrigado. Ouvir, escutar e aprender com alguém é um gesto de confiança.

Em 2018 o Centro Cultural Oduduwa completou 30 anos de existência legal. Ensinar sobre os orixás em várias partes do mundo e a pesquisa de campo na África durante todos esses anos me trouxeram o conhecimento sobre os elementos do axé, compartilhados aqui, para que possamos sempre nos lembrar da riqueza do axé, da liturgia, da nossa teologia, filosofia e da devoção aos orixás.

Que a benção e o axé dos orixás reinem nas vidas de todos nós. Desejamos que vocês tenham gostado bastante dessa obra e esperamos nos encontrar com vocês em outros obras para continuar estudando juntos.

Àláfíà!

Axé!

Bàbá King

©ODUDUWA